



BATALHÃO

DE CAÇADORES Nº 5

1899

I-1



VIII A

Valdey dos Santos

V-4.1

B. CAÇ 5

GAB. EST.

1969

Foi feita uma leitura  
deste Tema

COORDENAÇÃO DE: CAP. VALDEZ DOS SANTOS

DESENHOS DE: 1º. CABO MIL. PEREIRA

DACTILOGRAFIA DE:

1º. Cabo Mateus

1º. Cabo Vidigal

NOS TERMOS DA NOTA Nº. 120/2



## O BATALHÃO DE CAÇADORES Nº.5

Os bons serviços prestados pelas Companhias de Caçadores, dos Regimentos de Infantaria, durante a 1ª. Invasão Francesa levaram os governantes de Portugal, após a expulsão dos franceses, a incluir na reorganização do Exército seis batalhões de caçadores a cinco companhias cada, uma das quais de atiradores.

Assim, por decreto de 14 de Outubro de 1808 são criados os referidos Batalhões de Caçadores mas só um ano depois, por alvará de 15 de Dezembro de 1809 se fizeram primeiros recrutamentos de pessoal, embora já tivesse sido nomeado para comandante de Unidade, desde Janeiro desse ano, o Tenente-Coronel Maximiano de Brito Mouzinho.

Para o Batalhão de Caçadores nº. 5 foi destinada a guarnição da Praça de Campo-Maior, no Alentejo, sendo o seu pessoal formado pela "Legião Transtágana", organizada em Beja.

Poucos meses após a sua organização o Batalhão de Caçadores nº.5 teve o seu batismo de fogo quando, a 10 de Junho de 1809 desempenhava a missão especial de demolir um dos arcos da Ponte de Alcantara, em Espanha, a fim de impedir, ou pelo menos retardar a marcha de duas colunas francesas que pretendiam forçar a passagem do Tejo em Alcantara.



A acção do Batalhão de Caçadores nº5 - que a tradição afirma ser "composto na sua maior parte de recrutas bizonhos e mal instruídos ainda" - mereceu a Wellesley os maiores elogios.

Nas acções que constituiram a campanha da 2ª. Invasão Francesa o Batalhão de Caçadores 5, integrado na Leal Legião Lusitana sob o comando do General inglês Wilson tomou parte - destacando-se sempre pela sua bravura - na batalha de Talavera de la Reyna (26 e 28 JUN 809) e no combate pela posse do "Desfiladeiro de Baños (12 AGO 809).

A primeira acção de campanha da 3ª. Invasão Francesa, em que o Batalhão de Caçadores 5 tomou parte, foi a batalha do Bussaco, travada a 27 e 28 de Setembro de 1810.

Integrado na 10ª. Brigada do Exército Anglo-Luso, o Batalhão de Caçadores 5 não teve parte activa no desenrolar da batalha porquanto as suas posições não foram atacadas pelo inimigo.

Na continuação da campanha as tropas Anglo-Lusas, sob o comando de Beresford entraram em Espanha e, a 16 de Maio de 1811 travaram a sangrenta Batalha de Albuera onde o Batalhão de Caçadores nº.5 - aliás como qualquer das restantes Unidades portuguesas - portou-se com a maior valentia e heroísmo.

A Albuera seguiu-se o cerco de Badajoz (19 de Maio a 17 de Junho) o combate de Villa d'Alfaiates



(27SET), Salamanca em (22JUL812), de Valladolid (7de Set.) e, ao findar do ano, em 19 de Outubro, tomou parte no cerco do Castello de Burgos, que resistiu aos cinco assaltos das tropas Anglo-Lusas, que acabaram por retirar.

No ano seguinte, a 21 de Junho de 1813, o Comandante em chefe das tropas Anglo-Lusas, Wellington, atacou o exército Francês em Victória, o qual foi completamente derrotado.

A luta em Espanha continuou até Outubro de 1813, travando-se uma série de combates, recontros e cercos. Villa Franca de Lascaño (22 de Junho) Tolosa (25 de Junho), S Sebastião da Biscaia (25de Julho), reduto do Convento de S. Bartolomeu (31 de Agosto) - que levaram os Franceses a retirarem para o seu país.

A meados de Outubro, em terras de França, Wellington foi atacar o inimigo em Nivelles onde o Batalhão de Caçadores 5 teve um papel importantíssimo no assalto a um reduto.

Pouco depois, durante três dias - 10, 11 e 12 - feriu-se a batalha de Nive, onde a atuação do Batalhão foi notável, merecendo também elogiosos louvores de Bercsford.

A 23 e 24 de Fevereiro de 1814 durante a travessia do rio Adour deram-se alguns recontros com as tropas francesas e, ao que parece, o Batalhão de Caçadores 5 foi a Unidade mais atacada pelo inimigo.



Na manhã de 24 de Fevereiro as tropas anglo-lusas atingiram as cercanias de Bayona e, até 27, combateu-se ri-  
damente, a fim de se cercar a cidade.

Um destacamento do Batalhão de Caçadores 5 coman-  
dado pelo próprio Comandante da Unidade, Tenente Coronel  
St.Clair, tomou parte no combate de Orthez, travado a 27 de  
Fevereiro, com o objectivo de se conquistar a linha de Altu-  
ras de Santo Estevão.

Coube ao 5 de Caçadores e Regimento 24 a acção  
principal do combate e, posteriormente a manutenção da pos-  
se do objectivo conquistado que, por ser um ponto essencial,  
foi repetidamente investido pelo inimigo.

No relatório de acção o General Comandante da  
1.ª Brigada, General Bresford afirma ter "Todas as ra-  
ões de estar satisfeito com o bom comportamento "das suas  
tropas, cujos"corpos mais empenhados foram o 5 de caçadores  
devido ser "muito attendivel o bom comportamento destas  
tropas".

Para o Batalhão de Caçadores nº.5 o preço deste  
combate foi a morte de 3 dos seus soldados, ferimentos em  
um oficial subalterno, 3 sargentos e 18 cabos e soldados,  
além de 5 soldados perdidos ou capturados pelo inimigo.

Praticamente foi este o último combate do pri-  
meiro periodo da vida do Batalhão de Caçadores nº.5 e, tal-  
vez por essa razão, foi escolhido, cem anos mais tarde,  
para simbolizar todo o heroismo da Unidade que passou a ter



em 27 de Fevereiro, o seu dia festivo e comemorativo de todas as suas numerosas acções de combate.

Durante o cerco de Bayona, que durou até 28 de Abril, as tropas do Batalhão de Caçadores 5 tiveram sempre um papel de grande importância. Ao findar as lutas da Guerra Peninsular, com a queda de Bayona, o Batalhão de Caçadores tinham-se coberto de glória e de honra, mas pelos campos de Espanha e França estavam sepultos 5 Oficiais e 163 praças de pré; tinham sido feridas em combate 9 oficiais e 164 praças e tinham-se perdido, ou sido capturados, 1 oficial e 182 praças.

Fora este o pesado tributo que o Batalhão de Caçadores n.5 pagou pelos sete primeiros anos da sua existência, passada exclusivamente, nos campos de batalha de três países - Portugal, Espanha e França.

Mas foi esse tributo que tornou o Batalhão de Caçadores merecedor das seguintes palavras que Wellington mandou publicar:

"...que o Batalhão de Caçadores 8 e o destacamento do Batalhão de Caçadores 5, da décima brigada, recebam a certeza da sua plena aprovação."

Terminada a guerra pela liberdade de Portugal o Batalhão regressou ao país e, em 31 de Julho de 1814 aquartelou-se em Miranda do Douro, onde o esperavam uns calmos anos de paz.



O segundo período da vida deste Batalhão foi condicionado pelas convulsões políticas, e posteriormente pela guerra civil, que assolou Portugal.

Nesse agitado período do segundo quartel do século passado o Batalhão de Caçadores nº.5, ao seguir a causa constitucional, foi também heróico, lutando por este ideal com a tenacidade que lhe era apanágio.

Começou, esta crise política, com a revolução de 24 de Agosto de 1820, à qual a Unidade só aderiu cerca de um mês depois, isto é, em 1<sup>o</sup> de Setembro. Mais tarde, a 29 de Outubro, conseguiu impôr aos membros da Junta Governante a aceitação do regime constitucional.

A reacção absolutista só se verificou dois anos depois e, desde logo, Caçadores 5 tomou parte activa no desenrolar de todas as acções.

A 21 de Março de 1823 a Unidade chegou a Penafiel e, nesse mesmo dia e sem qualquer descanso, foi mandada seguir, em "marcha forçada" para Amarante.

A actuação do Batalhão, no combate que passou à história com o nome de "Ponte de Amarante" foi assim descrita pelo visconde de Vila Maior":

"No momento em que o combate ardia mais furioso, empregando o inimigo os maiores esforços para se assenhorear do posto do Calvario e outros, cuja posse punha em eminente risco a defesa da

.../...



ponte, da qual estava prestes a ocupar a entrada, soaram da margem direita as cornetas de Caçadores 5, tocando a "avançar" e este bravo corpo, apesar da marcha acelerada em que, desde Penafiel, vinha sem o minimo descanso e entusiasmado com as breves e heroicas palavras, que naquele momento lhe dirigiu o general Claudino, carregou à baioneta sobre os rebeldes, que já começavam a entrar pela ponte do lado transmontano e nesta carga audaciosa os levou adiante de si, determinando em poucos momentos a sua completa derrota.

Foi na verdade este vigoroso ataque de Caçadores 5 o que fez dicidir a acção, forçando o inimigo a retirar-se pelas duas estradas, que atravessam a serra do Marão até à Campean, em direcção a Villa Real".

Abolido o sistema constitucional, pela acção de 27 de Maio de 1823 conhecida pelo nome de Vila Franca da, o Batalhão de Caçadores nº.5 - ante a sua fidelidade a D. Pedro IV - é transferido do norte para o sul do país, isto é, de Moncorvo para Extremoz, seguindo para Elvas e por fim para Aldeia Galega, embarcando pouco depois, a .



16 de Outubro, em Cacilhas, com destino aos Açores.

Nessa ocasião grande parte da sua officialidade foi encarcerada em S. Julião da Barra ou na Torre do Bugio ou ainda desterrada para Mafra por "desafecto ao novo sistema do governo".

Quando a 16 de Maio de 1828, chegou aos Açores a noticia de uma contra-revolução liberal, o Batalhão de Caçadores nº.5 de maneira nenhuma poderia ficar inactivo e, solenemente, proclamou a legitimidade de D.Pedro IV.

Segundo o General Serpa Pinto essa aclamação "foi o esteio da Liberdade do nosso País" e o historiador Pinheiro Chagas na sua História de Portugal" descreve os direitos de D.Pedro IV com as seguintes palavras:

"...Por exército um batalhão de caçadores, por monarquia uma ilha pequena, por capital uma pequena cidade, mas esse batalhão era o legendário 5 de caçadores, essa ilha era a que mantivera três anos depois da queda de Portugal a ideia de independência, essa cidade era Angra do Heroísmo".

Cabe, nessa ocasião, ao 5 de caçadores a defesa dos Açores e, a 11 de Agosto desse ano, em Vila da Praia, repeliu o desembarque absolutista, tendo nesta acção um soldado morto e oito feridos, dos quais um official e quatro sargentos.



Ainda nos Açores o Batalhão tomou parte numa série de pequenas acções contra as tropas miguelistas, que ocupavam as partes principais das diversas ilhas do arquipélago.

Com a chegada de D. Pedro IV aos Açores organizou-se o "Exército Libertador" no qual, segundo as palavras de Luís Soriano.

"O bravo batalhão de Caçadores 5, que constituía, por assim dizer, a heroica e velha guarda do Exército Libertador...

Após o victorioso desembarque da praia da Arenosa de Pampelido, (08JUL832) o Batalhão, juntamente com as restantes forças do exército Liberal, entrou no Porto.

Mais tarde tomou parte nas acções de Serra do Pilar (10de Julho), Valongo (22 de Julho).

Ainda no dia 22 de Julho, após a passagem do rio Tinto as duas facções entraram em contacto, sendo essa acção assim descrita no relatório Oficial:

"Entrou então a vanguarda em acção: "Caçadores 5, com a sua costumada audácia e impetuosidade, atacou aquela tropa, e obrando prodígios de valor em combate porfiado tomando e retomando passo a passo cada sinuosidade do terreno que fortemente se lhe disputa, rebateu ele só a vigorosa resistênciã dos atiradores e da tropa que os apelidava, etc



que os Voluntários da Senhora D. Maria II correndo ao combate, vieram sustentar aquele Batalhão, e aumentar pelo valor a glória já em outras ocasiões tão devidamente adquirida".

"O capitão Tabora do Batalhão quinto, à testa da sua companhia, rompeu à ponta de bayoneta, e dispersou um batalhão de voluntários chamados realistas, que o rodeavam, e pretendia cortá-lo do resto do seu corpo, conseguindo por este facto reunir-se a ele".

Na Ordem do Dia de 26 de Julho de 1832, a acção do Batalhão é assim realçado:

"O Senhor Duque de Bragança, quer que V. Exã. agradeça em Seu Imperial Nome, ao Batalhão de Caçadores 5, ao Batalhão de Voluntários e Corpo de Guias, a coragem e audácia com que no dia 22 rivalisaram entre si no reconhecimento de Valongo; é muito agradável para Sua S.M.I. ter que louvar tão nobre ardor; e é muito glorioso para eles merecerem a honrosa recomendação de o dirigirem sempre pelo mais justo emprego d"ele, do que pela medida da sua coragem."



A luta liberal continuou com várias acções - Ponte de Ferreira (23 de Julho), Santo Redondo (7 de Agosto)", Linhas do Porto (29SET832 a 25JUL833) Quebrantões, (14 de Novembro) Valongo (17 de Novembro) Padrão de Ligeia (28 de Novembro) Candal (17 de Dezembro) Lordelo (4 de Março de 1833) Covelo (9 de Abril) Avintes (18 de Agosto), nas quais o Batalhão de Caçadores 5 teve sempre uma actualização importante e elogiosa.

No ataque a Lisboa, realizado pelas tropas miguelistas a 5 de Setembro de 1833, um dos pontos considerados de extrema importância, foi a quinta do Lourical, marginando o reduto de Atalaia, que se erguia no local onde hoje fica a Penitenciária de Lisboa.

A quinta do Lourical, onde mais tarde (1864 (?) e 1901) se construiu o Colégio dos Jesuitas de Campolide, hoje sede do Batalhão de Caçadores 5 segundo um relato oficial "foi este ponto o mais enérgicamente atacado pelo inimigo neste dia".

A Parte Oficial da Acção descreve o recontro do Lourical - que levou à concessão ao pessoal da Unidade de 24 condecorações de Torre e Espada - do seguinte modo:

"Coube a caçadores 5 a gloria de carregar o inimigo neste ponto (quinta do Lourical) e fazer-lhe perder as vantagens adquiridas."

"Os actos singulares de valor e coragem praticados pelos oficiais e soldados



de Caçadores 5, que repeliram o inimigo nesta posição, são superiores a todo o elogio, e 143 mortos, que os rebeldes deixaram sobre o campo de Batalha, naquele ponto, atestam a valentia dos bravos, que braço a braço e peito a peito, souberam conservar para o seu corpo a reputação e glória militar, que distinguem".

"Caçadores 5 teve uma conduta tão digna, como em muitas outras ocasiões".

...muito especial e distintamente o Coronel graduado de Caçadores 5, Francisco Xavier da Silva Pereira e os oficiais, sargentos, e aspirantes a oficial de caçadores 5, cujos nomes seguem, pela valentia e extremado valor que mostraram no ataque, que fizeram sobre os rebeldes, que se haviam apoderado do bosque da quinta do Marquez do Lourical, conseguindo com forças muito inferiores expulsá-los daquela quinta: major José Maria de Sousa, capitão José Maria Taborda, tenente Sabino d' Oliveira Ferraz, alferes Luiz Candido Cordeiro e Francisco Sedano Bento de Melo; sargento ajudante José Alves da Encarnação; primeiro sargento José



Joaquim Lopes; aspirantes a Oficial Carlos Maximiano de Sousa, Manuel de Medeiros do Canto, Francisco Jose Gomes Brazil, João Urbano da Silveira, José Medeiros Betencourt e José de Betencourt Abreu".

Até ao final da guerra civil, que terminou pela convenção de Evora Monte o Batalhão de Caçadores 5 tomou, praticamente parte em todas as acções - Loures, Leiria, Almoester.

Destes combates e alguns recontros de menor importância o mais violento foi o de Loures, onde o Batalhão teve dois oficiais 12 praças de pré mortos, e feridos mais 7 dos seus oficiais e 81 praças.

A guerra civil custou a Portugal, em todos os aspectos, incalculáveis prejuizos. As Campanhas da Liberdade, para o Batalhão de Caçadores 5 importaram em 14 oficiais e 75 praças de pré mortos; em 42 oficiais e 372 praças de pré feridas e em 54 praças de pré extraviadas ou feitas prisioneiras.

Para perpetuar o valor do Batalhão a rainha D.Maria II bordou uma bandeira destinada ao Batalhão de Caçadores 5, tendo a divisa - ao que parece também da autoria da soberana -:

EM VÓS POSSUI A PATRIA

EM VÓS CONTEMPLO

DE LEALDADE O MAIS ILUSTRE EXEMPLO



Ao ofertar esta bandeira a Caçadores 5 a jovem rainha não se esqueceu de frizar "a bravura e inabalável fidelidade, ficando bem certa que o batalhão nunca desmerecerá a insigne honra".

Infelizmente, bem curta foi a vida desta bandeira. Três anos depois, na noite de 24 de Julho de 1832, ardeu no terrível incendio do Convento de S.Francisco do Porto - onde o Batalhão estava aboletado - que destruiu quase todo o seu material de guerra e ceifou algumas vidas dos seus militares.

Ante a perda da bandeira que simbolizava a Liberdade da Pátria pelo qual o Batalhão heróicamente se bateu, D.Pedro IV ofertou, em nome de sua filha D.Maria II, um novo estandarte, - já com as cores constitucionais, e com a divisa que chegou até hoje - afirmando então que este era "o bravissimo Batalhão do Imperador".

É ainda grato recordar, para a história do Batalhão, que D.Pedro IV ao sentir que ia morrer quiz ter junto de si um dos seus soldados. Este foi um bravo ilhéu de S.Jorge, o nº.82 da 1ª.Companhia, de nome, Manuel Pereira, que ouviu da boca do monarca a seguinte mensagem:

"Transmite aos teus camaradas este abraço em sinal da justa saudade que me acompanha neste momento e do apreço em que sempre tive aos seus relevantes serviços."



E firmando ainda mais a confiança e fé que tinha em Caçadores 5, a última ordem do "Rei Soldado" foi para que o amortalhassem com a farda deste Batalhão.

O terceiro período da vida desta Unidade começou com os agitados movimentos internos a que o povo liboeta chamou de Belemzada (Ø9SET836), em que tomou parte activa.

A isso devem a ordem de marchar para o Algarve a fim de se integrar na "divisão de operações do sul" que ia combater as guerrilhas miguelistas do Remexido.

Assim os "bravos do Batalhão 5 de Caçadores" deixaram Lisboa, onde depois de uma curta permanência em Beja e nalguns pontos da fronteira do Alentejo seguiram para Elvas, onde são entusiásticamente recebidos.

De Elvas o Batalhão marchou finalmente para o Alentejo onde tomou parte nas operações contra a guerrilha do Remexido. - José Joaquim de Sousa Reis, que se intitulava brigadeiro, lugar tenente de D. Miguel e comandante do corpo do Sul.

Todos os combates destas operações não foram mais que pequenos recontros e emboscadas de guerrilheiro que contudo custaram ao exército constitucional pesadas perdas em vidas humanas.

É lícito dizer que a confiança e a fé que  
tinha em Castorice, a última ordem de "rei Solado"  
para que o exortasse, com a letra desta carta.

O terceiro ponto da vida desta Unidade  
repor com a União Movimento Interiores e que o povo  
deve chamar a atenção (032178) e em que temo part  
cative.

A isso levou a ordem de manter para o Al  
vo a fim de se inspetar na "divisão de operações do sul  
que se combatem as guerrilhas organizadas do movimento.

Assim os "servos de castelo" de Castorice  
deixam a parte, onde depois de não obter resultados  
deixam a parte a fronteira do território e alguns  
para Elvas, onde são entusiasmadamente recebidos.

De novo o estado de guerra é declarado para  
o Alentejo e a ordem de manter a parte  
da de recebido - José João de Sousa Reis, que se  
tinham de manter, na ordem de manter a parte e com  
mente do corpo de Sul.

Todos os combates entre operações não foram  
mas que pediram recursos e embarques de guerrilha  
que contacta com a União Movimento Interiores e com  
partes em vãos humas.

A "revolta dos marechais" (18AGO837) obrigou o Batalhão de Caçadores 5 a regressar a Lisboa, seguindo pouco depois para o Porto.

A este movimento refere-se nestes termos o jornal "Nacional" de 09SET837:

"O distinto e nunca assaz louvado Batalhão 5.º de Caçadores, que chegou há pouco a esta capital, sahe amanhã (9 de Setembro) para a invicta cidade do Porto. Estes bravos soldados, notorios desde 1822 pelo seu exemplar comportamento, e adhesão à causa, que hoje defeuam, foram recolhidos em Lisboa com a maior cordialidade, propria da estima, que a tão distintos militares consagram os patriotas d'esta capital."

O mesmo jornal, com a data de 16SET837 refere da seguinte maneira a chegada do Batalhão ao Porto:

"No largo do Poço das patas se achava postado o bravo 5.º de Caçadores, em continência, e logo que avistaram o Visconde das Antas, outr'ora seu Coronel, cheios de fogo e enthusiasmo aquelles valentes romperam em vivas ao mesmo Visconde e às instituições politicas proclamadas pela Nação."

A 18 de Setembro deu-se o recontro de riuivães, onde as forças cartistas são derrotadas. Estas retiram para o Norte do País acabando por capitular pela convenção de Chaves.



Caçadores 5, após ter passado por Vila Real, Lamego e Porto regressou a Lisboa seguindo pouco depois, para o Algarve, onde continuou a luta contra as guerrilhas do Remexido.

Foram variadíssimas as acções contra este guerrilheiro que, numa autentica luta de guerrilhas, conseguia sair vitorioso embora lutando sempre com efectivos mínimos em relação às forças da ordem.

Foi a 28 de Julho de 1838, na Portela de Corte das Velhas, numa acção conduzida pelo Batalhão de Caçadores 5 que o Remexido foi preso pelo próprio comandante da Unidade.- A luta de guerrilhas no Algarve ainda se manteve acesa por mais algum tempo, conduzida pelo filho de Remexido. No dia 10 de Novembro de 1839 travou-se o recontro do Monte do Pé de Loi, tendo uma coluna do Batalhão de Caçadores 4 conseguido capturar o último guerrilheiro algarvio terminando assim a "guerra do Remexido".

A efervescência política que atravessava Portugal nos meados do século passado levou de novo o país à luta civil.

Em 28 de Outubro de 1846 travou-se entre duas facções portuguesas - uma representando a Rainha outra formada por um conjunto de várias unidades sublevadas contra o governo - o sangrento recontro de Viana do Alentejo.

O Batalhão de Caçadores 5 estava entre os rebeldes, tendo sofrido nessa acção pesadas perdas - cerca de 250 homens.



Ainda como "rebelde" o Batalhão tomou parte no combate de Torres Vedras, (22 de Dezembro), onde as "forças de Junta" são derrotadas. No dia seguinte, deu-se a rendição incondicional das rebeldes às tropas da Rainha.

Após essa rendição o Batalhão de Caçadores foi extinto e todos os seus oficiais e sargentos foram exilados para Benguela.

No entanto, muitas das praças do Batalhão, que conseguiram Evadir-se de Torres Vedras, foram apresentar-se voluntariamente a Evora, constituindo o "Batalhão Provisório de Leais Caçadores", ou o "Antigo Batalhão de Caçadores 5", que continuou a luta contra as tropas da Rainha.

Por Portaria de 24 de Março de 1897 é organizado o "Novo Batalhão de Caçadores 5" que, pouco depois, a 1 de Maio, teve que tomar parte no combate do Alto do Viso, onde lutou com as tropas do "Antigo Batalhão de Caçadores 5".

A convenção de Gramido pôs termo à guerra civil.

Após uma curta passagem por Lisboa, onde ficou aquartelado nos quarteis de Campo de Ourique e de Ajuda, o Batalhão seguiu, a 6 de Agosto de 1847, para a Ilha de S. Miguel.

No ano seguinte, o Batalhão de Caçadores 5 regressou a Lisboa, seguindo, pouco depois, para Leiria, onde permaneceu até 1851, data em que se envolveu em nova insurreição contra o poder da Rainha, que teve de ceder às exigências dos amotinados.



Depois de ter andado pelo centro e norte do País, o Batalhão chegou a Lisboa, "no meio de calorosas saudações", e ficou aquartelado no Castelo de S. Jorge, onde iniciou um novo período da sua vida.

Em Março de 1862 parte do Batalhão - "a ala esquerda de Caçadores 5" - marchou para o Funchal, onde permaneceu dois anos.

Em 1867 e em 1891 parte do Batalhão tem uma curta passagem respectivamente por Viana do Castelo e pelo Porto, regressando seguidamente à sede em Lisboa.

Ao findar o século passado, duas companhias de Caçadores nº.5 pisaram o solo de Moçambique e, para manter a sua integridade, lutaram no Mossuril, na Nanguema e em Nametaca.

O relatório final da acção travada - que passaria à história com o nome de Campanha do Marave - é avaro em elogios e citações. No entanto, ao referir-se às Companhias do Batalhão de Caçadores nº.5 friza que estas conseguiram "sujeitar ao domínio da nossa autoridade uma extensa zona de terreno, onde então exercia a influência o Marave".

E, assim, mais uma vez, o nosso Batalhão confirmou a sua legendária divisa.



Nos limiares da República, em 1912, o secular Batalhão de Caçadores nº.5 foi extinto, não por qualquer motivo especial, mas sim dentro do planeamento de uma reorganização do Exército.

As multi-seculares muralhas do Castelo de S. Jorge, onde se aquartelava o Batalhão de Caçadores nº.5, assistiram então ao desmoronar de cem anos de história de uma das mais valorosas Unidades do País.

No entanto, quando em 1926 uma nova era nascia para Portugal, com o eclodir da Revolução Nacional, e se implantou o actual regimen, o valor e tradição do velho Batalhão de Caçadores nº. 5 não foi esquecido.

Por decreto de 1 de Setembro desse ano foi reorganizado o Batalhão de Caçadores nº.5, com toda a sua tradição, com todo o seu valor, com toda a sua inegável fidelidade à Pátria, confirmando assim a divisa que a Rainha D. Maria II um século antes lhe tinha conferido.

No último período da sua vida o Batalhão de Caçadores 5 caracterizou-se por uma inquebrantável lealdade à Nação e aos seus governantes.

Muitas revoluções foram goradas pela acção do Caçadores 5; sedições militares foram abortadas só pela firmeza e lealdade do velho Batalhão.

Balas de rebeldes fustigaram os muros do aquartelamento da Unidade; rajadas de metralhadoras bateram as paredes e caminhos desemfiados;





(1808)



(1834)



(1911)



(1926)



(1958)

ESCUDETES DO BATALHÃO DE CAÇADORES Nº5



Granadas de artilharia e de morteiro desmantelaram as Torres e cúpula do edifício; revolucionários chegaram a assalta-lo, mas nunca o Batalhão de Caçadores 5 deixou de permanecer fiel ao seu governo e à sua Pátria, mantendo sempre hasteada bem alto a sua Bandeira.

Em 1932 um mal entendido entre o comando da Unidade e o Quartel General levam a uma extinção temporária do Batalhão de Caçadores 5 que foi transformado no Batalhão de Infantaria 26. Mas, três meses depois o velho Batalhão reapareceu com todo o seu prestígio de outrora, tendo-lhe sido feita pública justiça.

Em 1954, perante as primeiras ameaças da invasão da Índia Portuguesa, todo o Batalhão logo se ofereceu para a defender. Chegou a Goa no final desse ano e foi aquartelar-se no antigo Convento das Mónicas, - grandiosa ruína de Goa "Doirada" do século XVII - junto à Basílica Menor de Dom Jesus onde se venerava o corpo de S. Francisco Xavier.

De regresso à Metrópole, cedo enviou para a Guiné, em missão de soberania, duas das suas companhias.

Depois, com o eclodir do Terrorismo em Março de 1961, o Batalhão de Caçadores 5, tornada Unidade Mobilizadora, desenvolve uma actividade extraordinária. Para Angola, Moçambique e Guiné seguiram um 58 Companhias, muitas das quais formaram 10 Batalhões,



todas ostentando a Trompa e o 5.

Foram estas forças em que o Batalhão de Caçadores 5 se desventrara que deixaram em Terras do Ultramar Português, 7 oficiais; 10 sargentos e 57 praças, mortos em defesa de Portugal.

E será este o Batalhão de Caçadores 5 que continuará a lutar por Portugal, não deixando jamais de merecer a secular divisa que uma Rainha lhe doou:

Em vós possui a Pátria, em vós contemplo  
De Lealdade o mais ilustre exemplo

RELATÓRIO DA AÇÃO DO BATALHÃO DE CAÇADORES  
5 NA REVOLUÇÃO DE 25 DE ABRIL DE 1974  
DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR  
(1.º Div. - 1.ª Secção, especialmente 1.ª Div.)  
ORDENS DE SERVIÇO DA UNIDADE



## BIBLIOGRAFIA

- REGIMENTO Nº.5 DE CAÇADORES D'EL-REI
- CAÇADORES 5 D'EL-REI
  - Tenente Saturio Pires
  - Alferes Gonçalves Amaro
- RELATÓRIO DA ACÇÃO DO BATALHÃO DE CAÇADORES 5  
NA REVOLUÇÃO DE 26 de AGOSTO de 1931
- DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR  
(1ª.Div.-14ª.Secção, especialmente Cx.243)
- ORDENS DE SERVIÇO DA UNIDADE





